**OS ASPECTOS LÍRICOS DO ROMANCE AOS 7 E AOS 40 (2013) DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA**

Ana Paula de Souza Candido - (CNPq)[[1]](#footnote-0)

Unespar/*Campus* Paranavaí, anapaula2203candido@gmail.com

Luciana Ferreira Leal

Unespar/*Campus* Paranavaí, luciana.leal@unespar.edu.br

Modalidade: Pesquisa

Programa Institucional: PIBIC: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

Grande Área do Conhecimento: Linguística, Letras e Artes

**INTRODUÇÃO**

A obra de João Anzanello Carrascoza apresenta uma intrigante convergência entre prosa e poesia, oferecendo aos leitores uma rica oportunidade para explorar o hibridismo de gêneros literários. Seus escritos convidam à introspecção individual, abordando temas cotidianos frequentemente negligenciados. Carrascoza habilmente tece prosa poética em torno de situações vulneráveis, criando enredos sensíveis, repletos de aprendizado e significado. Suas personagens marcantes e identificáveis cativam os leitores, incentivando uma leitura dedicada e apaixonada.

Neste artigo, analisaremos o primeiro romance de Carrascoza, intitulado *Aos 7 e aos 40*. Publicado originalmente em 2013 e posteriormente pela Editora Alfaguara em 2016, o livro retrata a vida cotidiana de um protagonista não nomeado em dois momentos distintos: a infância e a vida adulta, aos sete e aos quarenta anos, respectivamente. Cada período é representado por um estilo narrativo específico: a infância é retratada de forma animada, poética e fluida, enquanto a vida adulta assume uma tonalidade melancólica e serena, com uma estrutura fragmentada que simboliza os desafios enfrentados na maturidade.

Elementos subjetivos, metáforas, ironias, diálogos internos e externos, bem como a alternância entre primeira e terceira pessoa, contribuem para a imersão do leitor na obra. Mesmo detalhes sutis, como a diagramação, desempenham um papel relevante, embora possam passar despercebidos em leituras superficiais.

Para embasar essa análise, recorremos às considerações de Moisés Massaud (1928) e Octavio Paz (1914) sobre gêneros literários e a distinção entre prosa e poesia. Massaud acredita que essas formas literárias se atraem e se consolidam, apesar de suas diferenças. Já Paz destaca que a poesia é intrínseca à expressão humana, enquanto a prosa surge como um gênero tardio, moldado pela desconfiança do pensamento em relação à linguagem natural.

Além disso, E. M. Forster (1879) e Gerárd Genette (1930) analisam os elementos essenciais da narrativa e do romance, como enredo, personagens, narrador, tempo e espaço. Esses componentes são fundamentais para a construção literária, e nenhum romance pode prescindir deles ao retratar a vida no tempo.

Assim, a análise se concentrou nos seis capítulos de *Aos 7 e aos 40* (2013) que abordam a vida adulta do protagonista. Espera-se contribuir para uma apreciação mais profunda das escolhas literárias e peculiaridades presentes na obra, destacando sua relevância contemporânea.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

Para a concretização deste projeto, adotou-se uma abordagem inicial de pesquisa bibliográfica, com o objetivo de aprofundar o conhecimento. Após a análise do primeiro romance do autor, João Anzanello Carrascoza, fica evidente que ele atende a um dos requisitos destacados por E. M. Forster (1879) em seu livro *Aspectos do Romance*: a espinha dorsal de um romance deve ser uma história, definida como “[…] a narrativa de eventos dispostos conforme a sequência do tempo.” (Forster, 1879, p. 5). A afinidade entre o autor e seu tema, presente na maioria das histórias, é algo ausente em muitas outras formas de arte. Carrascoza habilmente cria ambientes e cenários com os quais os leitores podem se identificar, graças à compatibilidade entre o tema de suas obras, o autor e os próprios leitores.

Forster também destaca que uma qualidade e um defeito da história são, respectivamente, instigar o público a querer e a não querer saber o que acontecerá em seguida. Carrascoza domina essa habilidade, mantendo os leitores ansiosos pelas próximas páginas e capítulos, ao mesmo tempo em que relutam em finalizar a história para que ela não termine rapidamente.

Em *A criação literária*, Moisés Massaud (1928) ressalta que, na Antiguidade Clássica, a Literatura era considerada uma imitação (*mimese*) da realidade, conforme a concepção aristotélica. Essa ideia persistiu até o século XVIII. Massaud afirma que a imitação não é uma cópia literal, mas sim uma recriação. O poeta, por meio da linguagem verbal, cria um mundo à imagem e semelhança do Universo, inventando ou expressando personagens, afetos e paixões que parecem reais, embora não o sejam.

Carrascoza, com sua composição literária que mescla prosa e poesia, imaginação e hibridismo, cria um universo que se assemelha ao real. Suas personagens, relacionamentos, pensamentos e sentimentos cativam o leitor, mesmo que não sejam estritamente reais. A obra *Aos 7 e aos 40* (2013) relaciona-se com a introspecção e a subjetividade da poesia em várias passagens, enquanto mantém o foco na representação do mundo exterior por meio da predominância narrativa e discursiva da prosa.

Na obra *Verso e prosa*, de Octavio Paz (1914), a distinção entre prosa e poesia reside no ritmo. Embora o ritmo esteja presente em toda forma verbal, é no poema que ele se manifesta plenamente. A prosa é vista como uma linha reta e sinuosa, com uma meta estabelecida, enquanto o poema é como um círculo ou uma esfera, autossuficiente, repetindo-se e recriando-se. O ritmo é a constante repetição e recriação. As linguagens oscilam entre prosa e poesia, e em cada uma, podemos notar o predomínio rítmico ou o crescimento de elementos analíticos. O combate entre as tendências naturais do idioma e as exigências do pensamento abstrato se manifesta nos idiomas modernos por meio da dualidade dos metros.

O ritmo da narrativa de Carrascoza é deliberadamente constante e vagaroso, caracterizado pela minuciosa descrição de acontecimentos e emoções. Essa abordagem cria uma forte relação entre o leitor e o protagonista ao longo da trama. Sua linguagem pode ser denominada como prosa poética, resultado do hibridismo habilidoso que incorpora elementos de ambos os gêneros na mesma história.

Por fim, Gérard Genette (1930), em *O Discurso da Narrativa*, salienta que a conceituação da palavra “narrativa”, carregada de ambiguidade por si só, apresenta três acepções distintas: a primeira, mais evidente e central no uso cotidiano, designa o enunciado narrativo e o discurso oral (ou escrito) que assume a relação de um acontecimento ou uma série de acontecimentos; a segunda, difundida entre analistas e teóricos, designa a sucessão de acontecimentos, reais ou fictícios, além de suas relações de encadeamento, oposição, repetição, etc.; e a terceira, a mais antiga, designa um acontecimento que consiste em alguém contar alguma coisa, o ato de narrar propriamente dito. A narrativa de *Aos 7 e aos 40* (2013) oscila entre a narração em primeira pessoa (na infância) e em terceira pessoa (na vida adulta). Esse detalhe mostra como Carrascoza é capaz de contar perfeitamente uma história. Além de utilizar dois pontos de vista diferentes para cada situação (o ponto de vista de uma criança e de um adulto), o fato de a infância ser narrada em primeira pessoa transmite interioridade e pessoalidade, características que remetem à poesia. Por outro lado, a vida adulta ser narrada em terceira pessoa destrói a familiaridade antes construída, e a história contada passa a impressão de ser sobre um homem qualquer, não sobre um homem específico, remetendo à prosa.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para a realização da pesquisa, foram lidos, relidos e analisados os doze capítulos da obra. Neste artigo, focaremos nos seis capítulos que contemplam a vida adulta do protagonista. À primeira vista, percebe-se a diferença na diagramação dos títulos relacionados à vida adulta, escritos em negrito. Esses títulos contrastam com as denominações dos capítulos da infância, que são escritos sem ressalvas. Os títulos adultos apresentam dicotomias, como “Depressa”, “Devagar”, “Leitura”, “Escritura”, “Nunca mais”, “Para sempre”, “Dia”, “Noite”, “Silêncio”, “Som”, “Fim” e “Recomeço”.

No segundo capítulo da obra, intitulado “Devagar”, a narrativa é fragmentada e sua estrutura lembra estrofes de poemas. Os trechos não estão centralizados com o restante dos parágrafos, o que pode ser associado à incerteza e à inconstância da vida adulta. A primeira impressão para o leitor é de estranheza, já que o modelo do capítulo anterior não se repete. Além disso, percebe-se que a leitura agora é mais serena e centrada, embora não esteja estruturalmente organizada. O capítulo funciona como um modelo de como um adulto deveria agir e lidar.

Nesse contexto, o protagonista, que permanece sem nome, retorna à casa após um dia de trabalho. Ele reflete sobre como a vida deles, e a vida em geral, está seguindo devagar. Ele deseja que tudo andasse ainda mais devagar para aproveitar cada instante com o filho pequeno e a companheira. Essa mudança de pensamento e amadurecimento da personagem em relação ao tempo é notável. Aos sete anos, ele sentia ansiedade e impaciência para crescer e se tornar um homem, como mostrado no primeiro capítulo.

A vida era devagar

Poderia ser mais devagar ainda.

Porque o menino logo atingiria o ponto do caminho

 onde o homem que ele seria o esperava. (CARRASCOZA, 2016, p. 14)

Em “A vida era devagar” destaca-se uma metáfora para descrever a lentidão da vida. Aqui, “devagar” é uma imagem poética que representa a passagem do tempo de forma vagarosa e contemplativa. Já “Poderia ser mais devagar ainda” cria uma antítese em relação “A vida era devagar”. A antítese é uma figura de linguagem que contrasta ideias opostas. Nesse caso, a ideia de “mais devagar” intensifica a sensação de lentidão. A repetição da palavra “devagar” reforça o ritmo lento e contemplativo do texto, contribuindo para a atmosfera poética.

A estrutura paralela das duas frases (“A vida era devagar” e “Poderia ser mais devagar ainda”) cria um padrão sonoro e rítmico, enfatizando a ideia central. A última frase “Porque o menino logo atingiria o ponto do caminho onde o homem que ele seria o esperava” cria uma sensação de expectativa e suspense. O uso da palavra “logo” sugere uma transição iminente, enquanto “o homem que ele seria” evoca uma reflexão sobre o futuro.

Esse breve excerto do texto utiliza recursos poéticos para transmitir a sensação de contemplação, tempo e transformação. A simplicidade das palavras esconde camadas de significado, sugerindo ao leitor a reflexão sobre a passagem da vida e as escolhas que moldam o futuro.

Segundo Massaud Moisés (1928), a Literatura é a expressão dos conteúdos da imaginação por meio de palavras com múltiplos sentidos e pessoais. Carrascoza consegue criar um universo a partir do zero, representando a realidade de sua imaginação no papel. Sua escrita combina elementos dos gêneros prosa e poesia, criando personagens, circunstâncias e relacionamentos que fazem o leitor se sentir representado e empático com as situações vivenciadas.

O capítulo convida o leitor a refletir sobre o tempo, a maturidade e a complexidade das emoções humanas. Por meio de sua escrita habilidosa, Carrascoza transporta o leitor para um mundo onde o devagar e o rápido coexistem, e onde a vida se desdobra em nuances poéticas e prosaicas.

No capítulo “Escritura”, o protagonista se vê dividido entre o futebol e a urgência de buscar sua mulher, que precisa levar o filho ao hospital. Essa tensão entre o trivial e o essencial permeia todo o texto, criando uma atmosfera de ansiedade e expectativa. Embora o título não faça referência direta à trama, há uma relação implícita com o tema central: a escritura do destino. O protagonista sente que algo significativo está prestes a acontecer, mas ele é apenas um espectador, impotente diante das forças maiores que regem sua vida.

A prosa poética desse capítulo permite explorar os sentimentos internos da personagem de forma profunda. O narrador em primeira pessoa expressa suas angústias e incertezas, tornando-o uma personagem redonda, complexa e cativante. Enquanto ele espera, o leitor compartilha sua aflição e reflexões sobre o relacionamento com a mulher, a família e o próprio destino.

As demais personagens também desempenham papéis simbólicos. O pai representa a autoridade e o sustento, a mãe personifica o cuidado e a severidade. O irmão mais velho, introvertido, é o primeiro amigo do protagonista, enquanto a prima Teresa é sua paixão e desilusão. O vizinho idoso, Hermes, introduz a temática da morte, e Bolão, o melhor amigo, ensina sobre companheirismo. Já a mulher, futura ex-mulher, é um exemplo de determinação e resistência, enquanto o filho é o elo entre o passado e o presente, lembrando constantemente o amor e as escolhas que moldaram sua vida.

Assim, “Escritura” possibilita que o leitor reflita sobre como ações e relações estão inscritas nas páginas do destino, mesmo quando não se tem controle sobre o desfecho. A prosa poética, com sua liberdade estilística, permite ao autor explorar essas nuances e tocar o coração do leitor.

No capítulo “Para Sempre”, a família aguarda na rodoviária o ônibus que os levará às cataratas do Iguaçu. O atraso devido a um temporal avassalador cria um clima tenso. O protagonista e a mulher, distantes e indiferentes, decidem, em sussurros para não alarmar o filho, que irão se divorciar. Esse momento marca uma mudança irreversível: a família nunca mais será a mesma. A literatura, como salientado por Massaud Moisés (1928), é um veículo privilegiado para exprimir e significar, superando as limitações de outras formas artísticas. Nesse capítulo, Carrascoza habilmente transmite a impaciência pelo atraso, o desânimo diante do temporal, o alívio após o acordo de divórcio (mesmo com alguma resistência da mulher) e a angústia do homem ao perceber que privará o filho de sua companhia novamente.

*Não sei como fomos chegar a esse ponto*,

ela prosseguiu,

*Nem eu*,

ele disse,

*mas chegamos*.

*É*,

ela balançou a cabeça,

*achei que a gente ainda ia se entender*,

e enlaçou o menino,

como se esse seu gesto pudesse reter a dor do fim, que

 ela vinha, há tempos, sentindo aos poucos, mas

 que, àquela hora, vazava impetuosamente,

*Eu também achei*,

*mas não tem jeito mesmo*.

*É, não tem*.

Ela suspirou:

*Queria tanto que desse certo*,

*Deu até aqui… Dez anos. Não é pouco…*

Então, os dois, atraídos, como se pela última vez,

para um único e mesmo ponto,

observaram, simultaneamente, o menino,

fruto e ferida de seu passado:

reconheciam o que era de cada um nele

já manifesto

e imaginavam virtudes e defeitos

que talvez o futuro não comprovasse.

[...]

A mulher e o menino haviam ocupado as duas

poltronas da esquerda. Ele sentou na mesma

fileira, do outro lado. Um corredor os separava.

Ia ser assim, dali para sempre. (CARRASCOZA, 2016, p. 46-47; 49)

 Esse excerto é repleto de elementos poéticos e emocionais. A expressão “reconheciam o que era de cada um nele” sugere que o menino é uma síntese do passado do casal, carregando traços de ambos. Ele é um “fruto e ferida”, encapsulando memórias e experiências. Além disso, a aliteração do som /s/ em “se ainda ia se entender” e “sentindo aos poucos” cria uma sensação suave e melódica, destacando a complexidade dos sentimentos. A assonância do som /e/ em “deu até aqui” e “dez anos” enfatiza a duração do relacionamento e a esperança que persistiu por tanto tempo.

O gesto de enlaçar o menino simboliza a tentativa de segurar a dor do fim. O corredor que separa o homem e a mulher representa a distância emocional e a inevitabilidade da separação. Ademais, a frase “Ia ser assim, dali para sempre” cria um clima de resignação e reflexão sobre o destino e as escolhas feitas.

O excerto evoca nostalgia, perda e a passagem inexorável do tempo. A linguagem poética amplifica essas emoções, tornando a cena mais profunda e significativa.

Em contraste, o capítulo “Noite” retrata o protagonista, agora divorciado e vivendo sozinho, visitando o filho em uma noite aleatória. A saudade do filho e, subconscientemente, da ex-mulher e da antiga vida compartilhada, o impulsiona. As últimas sentenças revelam a profundidade desses momentos triviais de visita e conversa, que jamais serão esquecidos. E. M. Forster (1879) argumenta que um personagem literário é real quando o romancista conhece todos os detalhes sobre ele, mesmo que nem todos sejam revelados. Essa sensação de explicabilidade estabelece uma realidade única, ausente na vida cotidiana. Carrascoza, ao criar personagens humanos e revelar gradualmente suas circunstâncias, constrói uma intimidade que transcende a realidade. Afinal, na vida, ninguém conhece profundamente outra pessoa, mas nas obras literárias, como as de Carrascoza, pode-se mergulhar nas complexidades humanas de forma íntima e reveladora.

Amava ouvir a voz de menino, mesmo nas noites em

 que, à beira do sono, ele mal respondia as suas

 perguntas,

*Você está bem?,*

*Já tomou banho?,*

*Como foi o seu dia?,*

*E a sua mãe?*

Acostumara-se a tê-lo tão pouco, depois da separação,

 que bastava um telefonema, como migalha a um

 faminto, para calar em sua alma a dor da ausência.

Naquela tarde, sem saber se foi a impertinência do

 sol que ainda vigorava, espalhando seus raios

 rubros pelo céu e convidando aos encontros,

 ou uma insuportável vontade de transgredir o relógio

 de ponto,

ele decidiu não ligar para o menino,

 mas ir até lá, para vê-lo. (CARRASCOZA, 2016, p. 62)

A frase “bastava um telefonema, como migalha a um faminto” utiliza a metáfora para comparar o telefonema à migalha que sacia a fome de um faminto. Essa comparação sugere que o contato com o menino, mesmo escasso, aliviava a dor da ausência. Vale ressaltar que a repetição do som /s/ em “sol que ainda vigorava” e “espalhando seus raios rubros” cria uma sonoridade marcante e enfatiza a presença do sol. A repetição do som /o/ em “como migalha a um faminto” e “para vê-lo” contribui para a harmonia sonora do texto.

A expressão “o relógio de ponto” representa o tempo e a rotina, sugerindo que o homem deseja transgredir sua própria programação para ver o menino. A oposição entre “ligar para o menino” e “ir até lá” cria uma tensão entre a distância física e a proximidade emocional.

A frase “à beira do sono” combina sensações (beira e sono) para evocar um estado de quase adormecimento e vulnerabilidade. No geral, o capítulo retrata a complexidade das emoções e a busca por relações significativas, mesmo quando a distância e o tempo tentam separar as pessoas. A linguagem poética amplifica essas nuances e torna a cena mais profunda e tocante.

No capítulo “Som”, a nova rotina entre pai e filho se estabelece: o menino passa apenas os finais de semana com o pai em sua casa. Agora que o protagonista vive sozinho, a solidão o assola, e a casa, outrora cheia de vozes, torna-se excessivamente silenciosa. O afastamento entre pai e filho gera constrangimento, e ambos não sabem mais como se comportar na presença um do outro.

No entanto, há momentos de quebra desse silêncio. Quando o filho assiste à televisão, toma banho ou dorme, o pai experimenta uma imensa satisfação ao ouvir os sons que a companhia do filho produz. Esses pequenos ruídos, antes despercebidos, agora preenchem o vazio e trazem consigo uma carga emocional profunda.

João Anzanello Carrascoza, em sua prosa poética, busca aproximar-se da linguagem da poesia. Ele constrói imagens tocantes e utiliza metáforas para expressar sentimentos que talvez nem ele próprio soubesse possuir. Para Massaud (1928), o poema transcende seu criador e ganha vida própria. Quando o leitor mergulha nas linhas de Carrascoza, decifra as mensagens e metáforas, a interação entre autor, obra e leitor se completa com sucesso. Assim, em “Som”, o silêncio fala, e a prosa de Carrascoza se torna uma espécie de poesia silenciosa, capturando a essência das emoções humanas e a intimidade entre pai e filho.

Como não viviam juntos,

era o menino e a mãe a semana toda, restava ao pai

 apenas os sábados e os domingos,

no dia a dia ele sentia saudade, e ela só serenava

 quando se reviam – o tempo de convivência,

 apesar de curto, era tão feliz que até lhe doía –,

mas, antes mesmo de levar o filho de volta à casa da

 mãe, nas tardes de domingo,

a saudade já voltava, reinstalando-se no seu canto,

 como uma cicatriz, à mostra.

Naquele dia, o menino retornava de sua mais longa

 viagem, o mês inteiro fora da cidade,

e ele,

pai,

sentia-se todo vazio, pronto para se transbordar do

 filho, e faminto para comer, avidamente, a sua

presença.

A hora, enfim, chegara,

depois de muitos dias se despejarem em outros,

 misturando memórias frescas com antigas,

no ritmo natural das coisas vivas,

tão natural que ocultava a certeza de que,

a qualquer hora,

poderia cessar, subitamente. (CARRASCOZA, 2016, p. 80-81)

Nesse trecho, o autor utiliza diversos recursos poéticos para transmitir emoções e criar imagens vívidas, como, por exemplo, a comparação da saudade com uma cicatriz à mostra sugere que a ausência do filho deixa marcas profundas e visíveis no pai. A saudade é representada como algo que permanece, mesmo quando o filho está presente. Assim, a repetição do som /s/ em “saudade”, “serenava” e “se reviam” cria uma sonoridade suave e melódica, refletindo a sensação de nostalgia. Já a repetição do som /o/ em “mês inteiro fora da cidade” e “faminto para comer” contribui para a harmonia sonora do texto.

A expressão “o tempo de convivência” representa os momentos compartilhados entre pai e filho, enfatizando sua importância. E a oposição entre “todo vazio” e “pronto para se transbordar do filho” reflete a dualidade de sentimentos do pai. Assim, a frase “misturando memórias frescas com antigas” combina sensações (frescas e antigas) para evocar a complexidade das lembranças. Nesse sentido, ressalta-se que o ritmo natural das coisas vivas, a incerteza e a intensidade emocional permeiam o texto, tornando-o poético.

No último capítulo “Recomeço”, permeado por melancolia, saudade, nostalgia e medo, o protagonista reflete sobre suas escolhas e perdas ao longo da vida. Desejando revisitar suas memórias, ele e o filho embarcam em uma viagem à sua terra natal, hospedando-se na casa do irmão, que pertenceu aos pais, onde o protagonista viveu. No entanto, a realidade desilude o protagonista: a casa e a cidade que moldaram sua infância foram transformadas, e os momentos significativos que ele recorda agora existem apenas em suas lembranças.

As alegrias vinham, sim, mas não da pele dos fatos,

 vinham agora de suas vísceras.

De repente, depois de tantos anos, sentiu que precisava

 viajar até lá. Não havia motivo maior, novidade,

 nada.

O irmão morava com a família na casa que fora dos pais.

 A cidade era a mesma, sem pressa de ser outra.

Queria visitar aquele mundo que não era mais seu,

 embora ele mesmo estivesse lá, à sua espera, para

 se medir. (CARRASCOZA, 2016, p. 98)

No trecho, a frase “As alegrias vinham, sim, mas não da pele dos fatos” utiliza a metáfora para comparar a origem das alegrias com a pele dos fatos, sugerindo que a fonte de alegria não está nos eventos objetivos, mas em algo mais profundo e subjetivo. Também se destaca que se encontra-se a metonímia no trecho, a expressão “vinham agora de suas vísceras” utiliza a parte do corpo (vísceras) para representar o todo (sentimentos e emoções).

Já em “Com aqueles olhos frios” combina a sensação tátil (frieza) com a visão (olhos), criando uma imagem sensorial. E no trecho, a frase “Queria visitar aquele mundo que não era mais seu, embora ele mesmo estivesse lá, à sua espera, para se medir” apresenta uma antítese entre o desejo de visitar um mundo que não lhe pertence mais e a presença dele mesmo nesse mundo.

A vida era o que era,

e ele cada vez mais longe de sua fonte,

mesmo se de volta a ela, como agora – tudo no caminho

 é para ficar lá trás, as pessoas carregam só

 aquilo que deixam de ser, o presente é feito de

 todas as ausências. (CARRASCOZA, 2016, p. 105)

No excerto, a frase “mesmo se de volta a ela, como agora” compara o retorno à fonte com o momento presente. É importante ressaltar que, a expressão “tudo no caminho é para ficar lá trás” sugere que o caminho da vida é marcado por deixar coisas para trás, como bagagem que carregamos.

O excerto “as pessoas carregam só aquilo que deixam de ser” apresenta uma antítese entre carregar e deixar, destacando a dualidade da experiência humana. Esses recursos poéticos enriquecem o texto, proporcionando profundidade e reflexão sobre o tempo, a memória e as transformações da vida.

E embora não pudesse jamais rebobinar a vida,

eis que ele experimentou,

outra vez,

(doendo)

uma antiga alegria. (CARRASCOZA, 2016, p. 112)

No excerto, a expressão “não pudesse jamais rebobinar a vida” utiliza a metáfora da vida como uma fita de vídeo que não pode ser rebobinada, sugerindo a irreversibilidade do tempo. Já, a frase “outra vez, (doendo) uma antiga alegria” apresenta uma antítese entre a repetição (outra vez) e a sensação dolorosa (doendo) associada à alegria. Esses recursos poéticos enriquecem o texto, transmitindo a complexidade das emoções humanas diante da inexorabilidade do tempo e contribuem para a profundidade e a beleza do texto, tornando-o mais expressivo e envolvente.

A sensação de deslocamento e a ausência do acolhimento esperado deixam o protagonista amargurado, inseguro e ressentido. Carrascoza habilmente detalha esses sentimentos complexos, comovendo o leitor. Nas últimas linhas, o melhor amigo de infância aparece, quase como uma compensação, proporcionando um momento de segurança e alívio para o protagonista e, possivelmente, para o leitor também.

Assim como no capítulo “Escritura”, o título “Recomeço” não é explicitamente mencionado, mas sua essência permeia as páginas finais. O protagonista redefine seu ponto de partida como pai e homem, encarando a vida sob um novo ângulo. Segundo Forster (1879), a diferença entre pessoas reais e personagens de um romance reside na exposição completa desses últimos. Carrascoza, ao contextualizar os motivos dos sentimentos do protagonista, cria uma familiaridade que conforta e comove o leitor. A compreensão profunda de uma pessoa fictícia estabelece uma relação emocional única, tornando a leitura ainda mais relevante.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS: a confluência da prosa e da poesia**

A obra *Aos 7 e aos 40* (2013) de João Anzanello Carrascoza transcende as expectativas, revelando construções narrativas repletas de mensagens comoventes. Cada parágrafo mergulha no amadurecimento, essencial em todas as fases da vida, e descreve com precisão sentimentos como saudade, melancolia, nostalgia, amargura, amor e ansiedade.

O livro acompanha a jornada emocionante de uma criança ansiosa para crescer e se tornar um homem, e de um homem que deseja retornar à infância, ansiando que o tempo passe mais devagar para aproveitar cada momento com seu filho pequeno. Os capítulos, mesmo os não mencionados aqui, são repletos de simbolismo, moldando a trajetória do protagonista e esclarecendo seus comportamentos e pensamentos.

Carrascoza habilmente mescla prosa e poesia, desafiando estereótipos tradicionais. Os elementos narrativos, como enredo, personagens, narrador, tempo e espaço, são habilmente empregados para explorar relações familiares e a complexidade da experiência humana. A prosa, mesmo distante ocasionalmente da poesia, ainda atrai e, juntas, criam uma narrativa profundamente importante.

Assim como Paz (1914) afirmou, a poesia é a expressão natural dos seres humanos, mas a prosa de Carrascoza também transmite sensações e emoções com igual intensidade. Por fim, considera-se que a narrativa *Aos 7 e aos 40* (2013) é uma obra que cativa leitores de todas as idades, proporcionando reflexões sobre vínculos interpessoais e questões filosóficas, enquanto a prosa e a poesia se entrelaçam em uma criação única e surpreendente.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CARRASCOZA, João Anzanello. **Aos 7 e aos 40**. Rio de Janeiro: Editora Alfaguara, 2016.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. 4ª ed. São Paulo: Editora Globo, 2005.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. 3ª ed. Lisboa: Editora Vega, 1989.

MASSAUD, Moisés. **A criação literária:** poesia. 10ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1987.

MASSAUD, Moisés. **A criação literária:** prosa. 21ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

1. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, por meio de bolsa concedida à estudante Ana Paula de Souza Candido. [↑](#footnote-ref-0)